

Jean Baudrillard: uma Contagem Regressiva

Gabriel Perissé¹
Ana Lasevicius²

Resumo: Neste artigo, procura-se detectar, por meio de uma referência literária a um conto de Arthur Clarke na obra de Jean Baudrillard, o papel essencial que a ficção pode desempenhar no pensamento criativo. Por outro lado, o suposto pessimismo do autor francês revela-se como exercício poético em busca de novos ângulos de visão e análise do contemporâneo.

Palavras Chave: Linguagem. Literatura e pensamento. Jean Baudrillard.

Abstract: Through a literary quotation of Arthur Clarke's short story in the work of Jean Baudrillard, this article seeks to discover the essential role that fiction can play in creative thinking. Moreover, the supposed pessimism of french author is indeed a poetic exercise in search for new angles of vision and analysis of the contemporaneity.

Keywords: Language. Literature and thought. Jean Baudrillard.

“Nem otimismo nem pessimismo: são qualidades morais que nada têm a ver com a imoralidade da teoria.”
(Jean Baudrillard)

É recorrente ouvir de leitores ou de quase-leitores (ou mesmo de não-leitores...) de Jean Baudrillard (1929-2007) que ele foi um “autor pessimista”. Nada menos adequado.

Baudrillard não se restringia a defender uma coisa em lugar de outra, seus textos não se articulavam como argumentação a favor ou contra. Suas teorias, carregadas de ironia, trazem sugestões e provocações, oferecem polêmica, horizontes e espaços para pensar, convidam o leitor a se incomodar e se mudar. Muniz Sodré soube expressar que tipo de intelectual Baudrillard seria a seus próprios olhos: “Baudrillard [...] acredita que a função do intelectual é contar histórias” (SODRÉ, 1991, p. 89). Uma história revela e amplia, insinua e enfatiza, matiza, problematiza e, em suma, nos faz olhar e pensar em direções inusitadas.

As histórias levam hipóteses, análises, ideias e processos às suas últimas consequências. Libertando-se das cangas do formalismo acadêmico, Baudrillard cultivava o exercício da observação (fotografava com o olhar, sem falsos pudores), e a partir dessa livre observação escrevia, aproximando-se dos poetas. Dialogava com pensadores decisivos para o nosso tempo (Marx, Heidegger, Foucault, Deleuze...), mas parece mais à vontade com literatos e poetas: Baudelaire, Elias Canetti, Jorge Luís Borges, Hölderlin, Mallarmé, Brecht, Macedônio Fernández e Octávio Paz, entre outros.

Sua opção é pelo enigmático e o ambivalente, com os quais pode dar conta do estado paradoxal das coisas. Não exatamente “dar conta” por dar cabo da situação, por entendê-la completamente. Ele trabalha com vislumbres, entrevendo, arriscando novos ângulos de visão. Seus textos se alimentam do pensar erradio, das tentativas, do rigor

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (SP) - <http://www.perisse.com.br>.

² *Bacharel em Comunicação Social (Habilitação em Rádio e TV) Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (SP)*.

não limitador. Um ponto de vista poético, próximo ao delírio e ao mesmo tempo lúcido, permite a Baudrillard abordar todo tipo de questões e temas: terrorismo, religião, política, consumismo, sexualidade, cinema, arte, informatização, mídia, medicina, aids, clonagem, etc.

Quantos nomes Deus tem?

O prestígio teórico — caminho de reflexão estimulante e de crítica contundente, desenvolvidas sem receio de nenhum gênero — que as referências literárias assumem na obra de Baudrillard é corroborado por um caso exemplar em sua obra: a especial insistência com que se referia ao conto *Os nove trilhões de nomes de Deus*, do escritor inglês Arthur C. Clarke. Em pelo menos sete de seus livros, Baudrillard menciona este conto, escrito em 1952 e publicado pela primeira vez no ano seguinte.

Recorrer uma e outra vez à mesma história reafirma o lugar central que deve ocupar. Reproduzimos aqui as menções:

Numa narrativa de *science-fiction* (Arthur Clarke, *Les neuf milliards de noms de Dieu*), uma confraria de lamas perdidos nos confins do Tibete dedica toda a vida à recitação dos nomes de Deus. Esses nomes são numerosos: nove milhões [*sic*]. Quando todos eles tiverem sido pronunciados e declinados, o mundo vai se acabar, todo um ciclo do mundo vai chegar ao fim. Levar o mundo ao fim passo a passo, palavra por palavra, esgotando o *corpus* total dos significantes de Deus: eis o seu delírio religioso — ou a verdade da sua pulsão de morte.

Mas os lamas decifram lentamente; sua tarefa dura séculos. É então que eles ouvem falar de misteriosas máquinas ocidentais que podem registrar e decifrar a uma fabulosa velocidade. E um deles encomenda um poderoso computador da IBM a fim de apressar sua tarefa. Técnicos americanos vão às montanhas do Tibete instalar e programar a máquina. De acordo com eles, três meses serão suficientes para chegar ao fim dos nove milhões [*sic*] de nomes. Quanto a eles, naturalmente, não creem numa só palavra sobre as consequências proféticas dessa contagem e, pouco antes do término da operação, temendo que os monges se voltem contra eles diante do fracasso de sua profecia, os técnicos fogem do mosteiro. Então, descendo de volta ao mundo civilizado, eles veem as estrelas se extinguirem uma depois da outra... (1996, p. 265)

*

O agrupamento de um máximo de informação sobre o universo pode acabar com o mundo. É como na fábula dos nove bilhões [*sic*] de nomes de Deus: quando, graças ao computador, puderam nomeá-los todos, o mundo acabou, as estrelas se apagaram. (1996b, p. 81)

*

Ótima ideia em Clarke, a da extinção das estrelas uma vez declinado o paradigma inteiro dos nomes de Deus — *after the spelling of the names of God*. [...] Irônica e bela a ideia segundo a qual os nomes de Deus têm número limitado, mesmo que sejam inúmeros, e que conseqüentemente possamos chegar ao término da tarefa, que seja essa a tarefa secreta do universo, e que os computadores possam encurtar-lhe o prazo de vencimento. (1996c, p. 19)

*

No conto de Arthur Clarke (“Os Nove Bilhões [*sic*] de Nomes de Deus”), quando todos os nomes são declinados, as estrelas declinam elas também. Não há lugar na terra simultaneamente para Deus (os astros naturais) e para os nomes de Deus. É um ou outro. Não há lugar ao mesmo tempo para o mundo e para seu duplo. (1996c, p. 127)

*

O crime perfeito é o de uma realização incondicional do mundo pela atualização de todos os dados, pela transformação de todos os nossos atos, de todos os acontecimentos em informação pura — em resumo: a solução final, a resolução antecipada do mundo, por clonagem da realidade e extermínio do real pelo seu duplo.

Esse é exatamente o tema do romance [*sic*] de Arthur Clarke sobre os nove mil milhões [*sic*] de nomes de Deus. Desde há séculos que uma comunidade de monges do Tibete se dedica a transcrever esses nove mil milhões [*sic*] de nomes de Deus, após o que o mundo se realizará e chegará ao fim. A tarefa é fastidiosa, e os monges fatigados pedem ajuda aos técnicos da IBM, cujos computadores fazem esse trabalho em alguns meses. Por assim dizer, a história do mundo realiza-se em tempo real, devido à operação do virtual. Infelizmente, dá-se também a desapareição do mundo em tempo real. Porque a promessa do fim realiza-se de súbito, e os técnicos, espantados, pois não acreditavam de modo nenhum nisso, veem, quando descem para o vale, as estrelas a apagarem-se uma a uma. (1996d, p. 49)

*

[...] no crime perfeito, é a perfeição que é criminosa. Tornar o mundo perfeito é dar-lhe acabamento, completá-lo — e, por conseguinte, encontrar para ele

uma solução final. Eu me lembro daquela parábola sobre os monges do Tibete que, há séculos, decifram os nomes de Deus, os nove milhões de nomes de Deus [*sic*]. Um dia, eles chamam pessoas da IBM, que chegam com seus computadores, e em um mês acabam todo o seu trabalho. Ora, a profecia dos monges dizia que, uma vez terminada essa recensão dos nomes de Deus, o mundo teria fim. As pessoas da IBM, evidentemente, não creem nisso. Mas, depois de terminado seu inventário, ao descerem a montanha, eles veem as estrelas se extinguirem uma a uma no firmamento. É uma bela parábola do extermínio do mundo por sua verificação última, que o torna perfeito por obra de cálculo, de verdade. (1997, pp. 59-60)

*

Quando a função sexual começa a piscar, como os indicadores das funções vitais de Hal, o computador de 2001 — ou as estrelas que se apagam uma a uma em Clarke —, o desejo empalidece como a lua no amanhecer. (2002, p. 80)

*

O conceito de contagem regressiva evoca mais uma vez Arthur C. Clarke, em *Os nove bilhões* [*sic*] *de nomes de Deus*. Uma comunidade de monges tibetanos dedica-se desde tempos imemoriais a listar e copiar os nove bilhões [*sic*] de nomes de Deus. No final do processo, o mundo acabará. Assim reza a profecia. Mas os monges estão cansados e, para apressar o trabalho, eles chamam os técnicos da IBM, que chegam com seus computadores e terminam a tarefa em um mês. É como se a operação da dimensão virtual levasse ao fim da História do mundo num instante. Infelizmente, isso também significa o desaparecimento do mundo no tempo real, já que a profecia do fim do mundo, associada a essa contagem regressiva dos nomes de Deus, foi realizada. Quando eles voltam para o vale, os técnicos, que na verdade não acreditavam na profecia, veem as estrelas desaparecerem do firmamento, uma a uma. (2001, pp. 48-49)

As oito menções nos sete livros mostram o quanto a história impressionou Baudrillard. Tornou-se para ele uma parábola sobre como a tecnologia absorve a ilusão do mundo. As estrelas que se apagam uma a uma, por força da solução eletrônica que realiza a profecia religiosa, parecem evocar o final (in)feliz de um belo filme.

Quanto ao título do conto, vale mencionar um mal-entendido tradutório. É muito mais dramático que os monges tivessem que identificar nove trilhões de nomes de Deus (conforme acertadamente se traduziu nas edições brasileiras)³ e não nove bilhões. Os trilhões acentuam o inumerável, e ao mesmo tempo o poder dos computadores em registrá-los em pouquíssimo tempo, acelerando o fim do mundo. A questão é que em francês foi com o título traduzido equivocadamente que Baudrillard leu o conto, e por isso nas traduções brasileiras dos livros de Baudrillard o equívoco se perpetuou.

Na verdade, “*neuf milliards*” são “nove bilhões”, ao passo que no original fala-se em “*nine billion names of God*”. Como se sabe, no inglês britânico, que foi o utilizado por Clarke, “*billion*” significa “trilhão”. Para referir-se a “bilhão” no Reino Unido, usa-se “*thousand million*”. No português europeu, o nosso “nove bilhões” são “nove mil milhões” e o nosso “nove trilhões” são “nove mil bilhões”.

De qualquer modo, a parábola ressaltava o quanto seria impossível para os monges recitar e registrar a cifra desmesurada. Justamente por estar acima da capacidade humana, era uma tarefa sagrada, que dava sentido à comunidade. A ausência de tantos nomes ainda por conhecer e anotar desempenhava o papel essencial. Mantinha a comunidade viva através do tempo. Dava-lhe configuração, tradição, história e identidade. A tarefa tinha de ser cumprida por uma determinada comunidade de homens, que, assim, enquanto não a concluía, afastava de si a morte. Eles estavam consagrados a realizar o impossível necessário, a contagem regressiva que adiava indefinidamente o fim do mundo.

O fanatismo da coleção

Esconde-se na narrativa de Clarke o prazer e o desespero do colecionador. O que seria uma hipérbole a respeito da infinita grandeza de Deus, seu caráter inapreensível, sua transcendência, torna-se para o lama um desafio de colecionador, a obsessão narcisista.

Durante três séculos a lamaseria dedicara-se a compilar todos os nomes possíveis de Deus. Ainda seriam necessários, em seus cálculos, cerca de quinze mil anos (mais 150 séculos) para concluir essa lista. O que seria um número indefinido de nomes, simbolizando o inefável, o inexprimível, o indizível, porque incontável, passa a ser o objetivo do colecionador, “senhor no seio de seus objetos” (BAUDRILLARD, 2008, p. 97). O lama deseja a posse de Deus, não como um perder-se amoroso na divindade, mas como um dominar todos os nomes, a contabilização até o último, forçando o cumprimento da profecia, e a epifania total de Deus.

O delírio possessivo do lama levou-o a interromper o trabalho sagrado, que primava pela dedicação e a entrega, e contratar os serviços da tecnologia mais avançada para concluir a coleção o mais rapidamente possível. Não tinha ele consciência, no entanto, de que se manifestava nesta sua decisão a pulsão de morte. Possuído pelo fanatismo, o religioso se angustia e precipita os acontecimentos. O arremate da coleção dos significantes de Deus levará ao cumprimento antecipado do projeto coletivo, mas tal conclusão é também a finalização de um outro processo, o regressivo.

A contagem regressiva

A catástrofe se aproxima à medida que avança a catalogação de todos os nomes de Deus. Esta lista dos nomes possíveis é um ato obscuro, fruto de fetichismo.

³ Tanto na tradução de Mário Molina Caetano como na de Jorge Luiz Calife, ambas publicadas pela Editora Nova Fronteira, mas em edições diferentes (a de Mário em 1978 e a de Calife em 1985), o título é *Os nove trilhões de nomes de Deus*.

O avanço na listagem é regressão. Os significantes colecionados vão apagar o significado real de Deus. Tudo irá se acabar, desfazer-se, desaparecer. O lama esperava ver o reflexo de Deus na junção de todas as partes (de todos os trilhões de nomes) de Deus, esperando encontrar o seu próprio reflexo, e se tornando criador e não criatura. O Deus fracionado, tornado objeto, quando todas as “peças” estiverem enfim reunidas, dará lugar ao reflexo apenas e mortalmente humano do próprio colecionador. E aí tudo se apagará.

Eis o término da coleção e a desilusão do colecionador. A posse de tudo conduz ao nada. A pretensão de nomear a Deus, de decifrá-lo, de transformá-lo em informações e dados, desemboca no desaparecimento da constelação (uma outra coleção, na verdade, um todo coerente ligado por algo em comum). Que as estrelas vão se apagando uma a uma, e com elas a própria comunidade, constitui o crime perfeito de que fala Baudrillard repetidamente. A perfeição com que os computadores cumpriram a tarefa sagrada é a solução final.

A escolha de um conto de ficção científica e o fato de sobre ele refletir e a ele retornar em vários livros demonstram que Baudrillard o que pretende fazer é uma análise do contemporâneo — tarefa entre todas a mais arriscada —, mediante um exercício poético e apaixonado, nada mais longe do pessimismo que, preconceituosamente, lhe atribuem certos “coleccionadores” precipitados.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Trad.: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Trad.: Maria Stela Gonçalves e Adail U. Sobral. São Paulo: Loyola, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. *As estratégias fatais*. Trad.: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1996b.

BAUDRILLARD, Jean. *Cool Memories II – crônicas 1987-1990*. Trad.: Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996c.

BAUDRILLARD, Jean. *Cool memories IV – crônicas 1996-2000*. Trad.: Luciano Loprete. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. *O crime perfeito*. Trad.: Silvina Rodrigues Lopes. Lisboa: Relógio D'Água, 1996d.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. 5ªed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Trad.: Maria Helena Kühner. 2ªed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

SODRÉ, Muniz. *O Brasil simulado e o real: ensaio sobre o cotidiano nacional*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

Recebido para publicação em 18-07-10; aceito em 25-07-10